Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/templodeneptunoe00eric

TEMPLO
DE
NEPTUNO,
EPITHALAMIO
No felicissimo Casamento
DA EXCELLENTISSIMA SENHORA
D. JOANNA PERPETUA
DE BRAGANÇA
COM O EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. LUIZ JOSEPH DE CASTRO
NORONHA ATAIDE E SOUSA,
Marquez de Cascaes:
ESCRITO PELO CONDE DA ERICEIRA
D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES,
Do Concelho de Guerra de Sua Magestade, Mestre de Campo General dos seus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Estados, Director da Academia Real da Historia Portugueza, e Academico da dos Arcades de Roma, &c.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina SYLVIANA, da Academia Real.

M. DCC. XXXVIII.
Com todas as licenças necessarias.

LICENÇAS.

Da Academia Real.

Cenſura do Doutor Caetano Joſeph da Sylva Sottomayor, Corregedor do Bairro do Rocio, e Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

ILLUSTRISSIMOS, E EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

LI o raro, e ſuaviſſimo Epithalamio, que nos deſpoſorios da Senhora D. Joanna Perpetua de Bragança com o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Caſcaes D. Luiz Joſeph de Caſtro, pertende dar à eſtampa o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes: e ainda que Voſſas Excellencias me ordenaõ interponha nelle o meu parecer; arrebatada a imaginaçaõ na armonia das vozes, na profundidade dos conceitos, e na elevaçaõ do aſſumpto, me naõ deixou o arbitrio com liberdade, depois de convertido em admiraçaõ todo o entendimento. Eſte incomparavel

Epitha-

Epithalamio he ſuperior a todo o exame, excede feliſmente diſcreto a levantada eſféra da mais elegante capacidade, incluindo em ſi toda a eloquencia, todo o ornamento, e toda a ordem, que os Coryfeos da Poeſia deſejaraõ, e quaſi nunca conſeguiraõ, na admiravel compoſiçaõ dos ſeus Poemas. O motivo, que o inſpirou, contém a ditoſa reuniaõ, com que a excellentiſſima, e preclariſſima Caſa de Caſcaes, torna a participar da alta, e poderoſa alliança, do reſplandor magnifico, e auguſto, que por tantas linhas tem communicado às illuſtriſſimas Familias de Caſtro, e Noronha, o elevado throno dos Monarchas Portuguezes; hoje porém com ventagens, tantas vezes ſublimes, quantas enchem de luzes mageſtoſas a ineſtimavel uniaõ deſte precioſo vinculo. Naõ podia empreza taõ difficil, e taõ glorioſa, ter deſempenho menos illuſtre, que os polidos raſgos, com que eſcreve a erudîta penna de ſeu Excellentiſſimo, e por todas as razoens, diſcretiſſimo Author. Em ſemelhantes occaſioens, ainda que de nenhum modo identicas, eſcreveraõ docemente Catullo, Eſtacio, e Claudiano: porém o milagroſo talento do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde da Ericeira, naõ ſómente ſobreſahio, como ſempre coſtuma fazer, entre todas as Compoſiçoens deſtes Cyſnes da antiguidade; mas chegou até a excederſe a ſi meſmo na metrica ſuavidade deſte Epithalamio. Eſte he o aſſumpto, eſta he a obra, e eſte he o Author, com que fica juſtamente explicado quanto em conſiderada elegancia podera dizer a mais fecunda energia. Entendo que Voſſas Excellencias

cias querendo adiantar, e promover os meus eſtudos Academicos, ordenaraõ, que eu viſſe primeiro que todos eſte Papel, honrandome com hum premio taõ diſtincto, que nelle ficaſſe o merecimento ſummamente diſtante da remuneraçaõ. Aſſim me parece, que póde concederſe a licença pedida, e que eu devo eſcrever eſta Cenſura, menos para declarar a minha approvaçaõ, que o meu agradecimento. Lisboa Occidental 26 de Agoſto de 1738.

Caetano Joſeph da Sylva Sottomayor.

O Director, e Cenſores da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, daõ licença ao Conde da Ericeira para uſar do titulo de Academico do numero no Epithalamio, que quer imprimir, viſta a Approvaçaõ do Academico, a que ſe commetteo o ſeu exame. Liſboa Occidental, 16 de Setembro de 1738.

Conde de Aſſumar. *D. Diogo Fernandes de Almeida.*

Nuno da Sylva Telles.

Do

Do Santo Officio.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Joſeph da Aſſumpçaõ, Religioſo da Sagrada Congregaçaõ dos Agoſtinhos Deſcalços, Meſtre na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

O Templo de Neptuno, que no Caſamento da Excellentiſſima Senhora D. Joanna Perpetua de Bragança com o Excellentiſſimo Senhor D. Luiz Joſeph de Caſtro Noronha Ataide e Souſa, Marquez de Caſcaes, para eterna memoria de ſuas felicidades levanta novamente o Excellentiſſimo Senhor Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, he obra de hum Heroe em todas as Naçoens bem conhecido pelas com que ſahe todos os inſtantes à luz: luz para com todos he por ſer ſingular em todas quantas faz; que aſſim appellidavaõ os antigos aos Heroes ſingulares, e famoſos. (*Pier. Valer.*) Tem a luz a approvaçaõ de Deos, e naõ neceſſita de mais alguma: e quem entre luzidos Eſcritores brilha tanto, naõ póde ter mais approvaçaõ, que a do ſeu nome: *Optimus enim Author approbat ſuo de nomine*

nomine ſua. (*Tertul.*) Se logo taõ luzido effeito fica livre de Cenſura, como quer Caſſiodoro: *Fruſtra ad Cenſuram proponitur, qui tantis titulis approbatus videtur*; para que todos o admirem, he digno da licença, que lhe quer Joſeph Antonio da Sylva. Voſſa Eminencia ordenará o que for ſervido. Lisboa Occidental, e Convento de Noſſa Senhora da Boa Hora de Religioſos Eremitas Agoſtinhos Deſcalços, 26 de Agoſto de 1738.

O Meſtre Fr. Joſeph da Aſſumpçaõ.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir a Obra, de que ſe trata; e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 29 de Agoſto de 1738.

Fr. R. de Alencaſtre. Sylva. Cabedo. Soares. Abreu.

Do

Do Ordinario.

PODe-se imprimir a Obra, de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental, 1 de Setembro de 1738.

Gouvea.

Do Paço.

Cenſura do Doutor Filippe Maciel, Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Lisboa, Deſembargador da Caſa da Supplicaçaõ, Conego na Sé de Elvas, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, e Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

SENHOR.

VOſſa Mageſtade he ſervido, que eu veja, pondo nelle o meu parecer, eſte Epithalamio, que eſcreveo D. Franciſco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, do Concelho de Guerra, Meſtre de Campo General, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Director da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, e Academico da dos Arcades de Roma; e que pertende imprimir Joſeph Antonio da Sylva. Deſte preceito de Voſſa Mageſtade ſe haõ de ver duas couſas com maravilha, naſcidas ambas do grande merecimento deſte taõ illuſtre, e famoſo Eſcritor: huma obediencia cega; è huma neceſſaria, mas innocente, e louvavel deſobediencia: iſto he, ſugeitarſe à minha Cenſura o Conde da Ericeira; e de Cenſor, como Voſſa Mageſtade me manda ſer, converterme eu em Panegyriſta. Naõ fora merecedor de tanta gloria eſte Sabio, ſe lhe faltaſſe a docilidade, que he o eſmalte da virtude; e para mayor pre-

gaõ

gaõ do ſeu merecimento havia eu de ſentir huma violencia ſuave, que me obrigaſſe ſómente ao ſeu louvor. No conceito de Voſſa Mageſtade tenho eu a mayor valia para que a minha deſobediencia naõ pareça indecoroſa; pois Voſſa Mageſtade melhor, que todos (tal he a penetraçaõ, de que o dotou a Providencia) conhece quanto he ſublime o engenho do Conde da Ericeira, vendo cada dia as ſuas raras producçoens; e, atrevome a dizer, com admiraçaõ dellas. Ou ſeja eſcrevendo de guerra, ou de paz, ou em qualquer outra ſorte de Compoſiçaõ em utilidade, e credito da Monarchia, ſempre brilhaõ os Eſcritos do Conde da Ericeira, e tanto, que ainda ſem o ſeu nome naõ ha quem duvide do ſeu Author, cuja fama he ainda mayor entre as Naçoens eſtranhas, que entre os ſeus meſmos Nacionaes, por mais que lhe concedeſſem immunidade (o que he raro) contra a inveja. Bem ſabem os prudentes quanto he merecido eſte privilegio; pois he publico quanto o Conde, e todos os ſeus Aſcendentes de hum, e outro ſexo, ou eſcrevendo, ou pelejando, ſe fizeraõ dignos delle em utilidade da Patria. Permittame Voſſa Mageſtade, que agora me lembre eu daquelle nobre penſamento de Plinio em louvor do ſeu Trajano, e daquelle extraordinario esforço da ſua eloquencia, com que fez a mais viva expreſſaõ do que obrava eſte Principe, com a reflexaõ nas grandes acçoens de Nerva, ſeu pay adoptivo: *Nihilque reliquiſſe tibi videbatur, qui tam multa excogitâſti, ut ſi ante te nihil eſſet inventum.* E ſe ha alguma differença do Conde a Trajano, he, que eſte venceo a

hum

hum ſó, e o Conde a tantos. Naõ he muito, que elle ſe veja taõ privilegiado da Patria, ſe o he da natureza, que com elle ſe houve taõ differente, do que coſtuma ainda com os homens, que quiz fazer celebres no Mundo, os quaes ſe foraõ illuſtres na guerra, degeneraraõ muitas vezes na paz; e o Conde ou com a eſpada, ou com a penna, ſoube merecer, e conſervar os louros, que ſe lhe devem pelo ſeu valor, e engenho, naõ eſtando menos occupado na Campanha, que no ocio, do qual poſto que pareça fruto eſta Compoſiçaõ, nella ſe eſtá vendo quanto brilha entre os mais Poetas, que neſte genero de eſcrever foraõ excellentes, fazendo inveja à illuſtre memoria do noſſo Deſembargador Antonio Ferreira no ſeu Epithalamio ao Caſamento da Senhora D. Maria com o Senhor Alexandre Farnes, Principe de Parma; e imitando naõ menos, que a Apollo, o primeiro, que entre os Gregos o cantou nas vodas de Thetis, e Peléo. E quem dirá, que eſte, que o Conde agora eſcreve, naõ he huma inſpiraçaõ do meſmo Apollo, obſervando a juſta proporçaõ de todas as ſuas partes, que he o mayor ſegredo das Compoſiçoens heroicas, e a prudencia, com que naõ deixa perigar na amenidade o decóro, o que he ſummamente arriſcado na Compoſiçaõ de Epithalamios, onde a pureza do honeſto he quaſi ſempre contaminada com a liberdade da eloquencia? Naõ foy menos perigoſo o eſcolho da liſonja, a que o podia arraſtrar a nova alliança deſte illuſtre Eſcritor com a Caſa de Caſcaes, de que taõ glorioſamente ſe livrou por arte, e por fortuna.

Quem ſe eſtá enſayando neſte divino emprego deſde a idade de ſete annos para cantar agora eſtes feliciſſimos Deſpoſorios, bem podia vencer com deſtreza a liſonja; e quem teve taõ Real objecto da ſua Poeſia tudo havia de dizer com verdade. Naõ ha mais verdadeira pintura dos dotes, com que a natureza ornou o eſpirito, e o corpo de cada hum deſtes ditoſos Deſpoſados; nem mais ſyncéra narraçaõ das ſuas Auguſtas Genealogias, que as deſte celebre Epithalamio. Os noſſos olhos eſtaõ vendo o meſmo, que lemos; e por mais antiga, que ſeja a inundaçaõ do ſangue Real na Caſa de Caſcaes, ſó o que vemos agora de mais, he o renovarſe, como a Fenix, com eſta alliança, para que animada com eſte novo calor a ſua Arvore Genealogica conſiga a immortalidade: e ſervirá eſta Arvore de objecto à noſſa adoraçaõ, ſem que ſeja ſuperſticioſo, como era o dos Egypcios, o noſſo culto, contribuindo tambem para elle a impreſſaõ deſte Epithalamio, no qual naõ podia peccar contra as leys de Voſſa Mageſtade hum Eſcritor taõ benemerito da Patria. Voſſa Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental em 17 de Setembro de 1738.

O Deſembargador Filippe Maciel.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taixar, que ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental, 18 de Setembro de 1738. *Pereira. Coelho. Coſta.*

No

No dia 21 de Junho, que he o mayor do anno, porque o Sol nelle chega ao Tropico de Cancer, fez Sua Mageſtade às Familias do Duque de Lafoens, e Marquez de Caſcaes, a honra de declarar o Caſamento da Excellentiſſima Senhora D. Joanna Perpetua de Bragança com o Conde de Monſanto, beijando por eſte motivo toda a Nobreza a maõ a Sua Mageſtade.

SONETO.

O Sol hoje no Trópico luzido
Fez o dia mayor do gyro eterno;
E hoje precipitado o frio Inverno
No Hemisferio inferior chora opprimido.
A luz do Luſo Sol eſclarecido
As ſombras diſſipando ao negro Averno,
Conſegue em ſeu benéfico governo
O dia luminoſo repetido.
O Sol nos bellos olhos duplicado
Tinha Aonia, que em rayos o vencia,
Que a Licio em puro ardor tem abraſado:
O Amor em doce laço hoje os unîa,
E fez do Luſo Sol o Regio agrado,
Que ainda foſſe mayor o mayor dia.

Dando

Dando ElRey as honras de Duqueza à Excellentiſſima Senhora D. Joanna Perpetua de Bragança ; as de Marquez ao Excellentiſſimo Senhor D. Joaõ Carlos de Bragança, ſeu irmaõ; e o titulo de Marquez de Caſcaes ao Excellentiſſimo Senhor Conde de Monſanto; publicando-ſe eſtas merces em dia de S. Joaõ, em que o nome delRey ſe celébra.

SONETO.

O Dia, o Santo, o Rey, ſaõ os mayores,
Com que as luzes, as graças, e as grandezas
Nos coraçoens anîmaõ as finezas,
E nos cultos inflammaõ os ardores.
De benignos influxos ſuperiores
Se formaõ voſſas inclytas emprezas,
Famoſo Rey, que em glorias,e em proezas
Repartís os Auguſtos reſplandores.
Hoje, que o voſſo nome o Mundo acclama,
Benevolo reparte tanto indulto,
E o ſacrificio em novo ardor ſe inflamma.
Sahe dos coraçoens o incendio occulto,
E faz, voando, eterna a voſſa fama
Ecco do voſſo nome o noſſo culto.

TEM-

TEMPLO
DE
NEPTUNO,
EPITHALAMIO.

I.

AONIA, como Muſa, e Heroîna,
Celébro ouſado, e reverente invóco;
E de Eráto na cithara divina
Com plectro de ouro as conſonancias tóco:
No liquido cryſtal da Caballîna
O ſacro ardor do eſpirito provóco,
E por cantar quanto o Deſtino ordena,
Me dê Apollo a lyra, Amor a penna.

II.

Feliz, e eterna uniaõ de Aonia, e Licio
Alto aſſumpto ſerá de humilde canto,
Que da prónuba Juno eſtá propicio
Benigno influxo, ſe me atrevo a tanto!
Dos benevolos Aſtros claro auſpicio
Nunca ſerá mudavel, porque em quanto
Naõ acabar ſeu gyro o Firmamento,
O Amor lhe dá o ardor, e o luzimento.

III.

Donde o Tejo, triunfando de Neptuno
Pelo ceruleo eſpaço ſe dilata,
E ſahindo dos laços de Portûno
Enriquece com ouro a undoſa prata:
Saudavel, eminente, e opportuno
Sitio ſe eleva ao Ceo, ſem que o abata
Do Africo féro o impeto tyranno,
Nem o rapido impulſo do Oceano.

IV.

IV.

Corre até donde hum aſpero rochedo
Fórma da Roca o alto promontorio;
Thetis fugindo delle entra com medo
A buſcar de Lisboa o claro Emporio:
Que domîna eſte célebre penedo
Ao Atlantico mar, ſe faz notorio,
Vendo, que o Deos das aguas ſe recea
Das naos, que ſahem da precioſa aréa.

V.

De Marte hum propugnaculo corôa
A parte ſuperior deſta eminencia;
E cedendo Caſcaes ſó a Lisboa,
Apenas lhe concede a preeminencia.
Com vozes de metal nos ares ſoa
Hum ecco, do que a Fama, na excellencia
Da noticia feliz, que Amor publîca,
Aos ſeus habitadores communica.

VI.

Illuſtres Luſitanos (diz a Fama)
Que ao meſmo Deos das aguas ſuperiores,
Haveis de celebrar quanto hoje acclama
Hymeneo com ardentes reſplandores:
Vede a tocha nupcial, em que ſe inflamma
O Amor, e tanto anîma os ſeus ardores,
Que de dous coraçõeſ fez hum compendio,
E unîo a pura luz ao vivo incendio.

VII.

Se foſtes do antiquiſſimo dominio
De outro neto de Pedro Rey primeiro,
Deſempenhay agora o vaticinio,
Que outro ſeculo moſtra verdadeiro:
Pois alcançaes o excelſo patrocinio,
Quando o myſterio naõ ſe achava inteiro
Da bella Aoniã, a quem admira o Mundo
Neta do grande Pedro Rey Segundo.

VIII.

VIII.

Mereceo Licio (ò gloria delicioſa!)
Que tal Deidade o Ceo lhe concedeſſe,
E a incomparavel ſorte venturoſa
Jove lhe permittiſſe, Amor lhe déſſe:
Hoje em eterno laço a Regia Eſpoſa
Com vinculo ſuave as priſoens téſſe,
E perpetua ſe vê no amado objecto
Fineza igual ao bem naſcido affecto.

IX.

Voando a publicar pelo Univerſo
Tanta felicidade, a participo
Aos que, por hum motivo taõ diverſo,
Haõ de applaudir o bem, que lhe anticipo:
Já da inveja o contagio mais perverſo
Com meus verſos harmonicos diſſipo,
Purificando o meu clarim nos ares,
Ceos, nuvens, névoas, terras, rios, mares.

X.

X.

A Deidade véloz deſapparece,
E a maritima margem ſe alvoróça;
A alegria ſe augmenta, o goſto creſce,
Sem que fiallo à voz o peito poſſa:
Mas Palemon, que a todos prevalece,
Aſſim lhe diz: Se a gloria he toda voſſa,
Como intentaes, que com improprio effeito,
Sem confiarſe à voz, gyre no peito?

XI.

Palemon ſou, que de Neptuno ao Templo
Os ritos myſterioſos adminiſtro;
E ſempre aos ſeus Oraculos contemplo,
Para explicallos, como fiel Miniſtro:
Voaõ do Tejo os Cyſnes com o exemplo
Dos candidos cultores do Cayſtro;
Sahem do mar as Deoſas, e as Sereas,
E as Tagides eſtaõ com as Neréas.

XII.

XII.

Na aurifera, opulenta, e larga praya,
Que da parte Oriental ao Tejo corre,
Todo o coro maritimo ſe enſaya
Na magnifica feſta, que diſcorre:
Nas ondas naõ ſe esfria, nem deſmaya
Neptuno, que com Glauco já concorre:
Thetis, e Doris vencem a eſtranheza
De confeſſar, que ainda ha mayor belleza,

XIII.

Deixaime introduzir no amante coro,
Que de Licio, e de Aonia hoje prepara
O Epithalamio em metro taõ canóro,
Que o Tejo ſe ſuſpende, admira, e pára:
De harmonioſo accento ecco ſonóro
Tanta felicidade nos declara;
Mas inutil ſerá, que eu a publique,
Sem que tanto myſterio vos explique

XIV.

XIV.

Em carro de ſafíras Thetis vejo,
A quem conduzem ſeis Delfins velozes
E ſahindo das ondas do aureo Tejo,
Das Fócas vence os impetos ferozes:
Já naõ he muda, porque o ſeu deſejo
Hoje ſe explica com ſónoras vozes;
E aos Delfins, ſuſpendendo tantas glorias,
Renovaraõ de Arion doces memorias.

XV.

Em plauſtro de cryſtal vejo Amphitrite
Em carro de coral Doris a ſegue,
E de todo o maritimo limite
Qualquer das Deoſas tanto bem conſegue:
Porque a Neptuno em fino obſequio imite
Nenhum dos Deoſes da agua hoje ſe negue
Ao preceito, que intîma o claro accento,
Que de Tritaõ ſe fórma no inſtrumento.

XVI.

XVI.

Portátil throno de precioſa prata
Conduz o Deos, que empunha aureo tridente,
E em ſeis candidos brutos o arrebata
Com forte impulſo a rapida corrente:
Dos ceruleos Palacios ſe deſata
A argentada cadeya refulgente,
E os maritimos Deoſes chegaõ donde
O Tejo ſe ſepulta, o Sol ſe eſconde.

XVII.

Ao meſmo tempo as Dryadas fermoſas
Deixaõ tambem os boſques de Ulyſſéa,
Correm, buſcando as prayas delicioſas
Do patrio Rio na opulenta aréa:
Formou das eſmeraldas mais precioſas
Seu carro Flora, e já ſe liſongea
De que em Thetis o azul ſeu preço perde,
Que a bella Aonia favorece o verde.

XVIII.

Seis filhos de Acteon velozes tiraõ
O carro da belliſſima Deidade,
De flores coroadas Ninfas gyraõ,
E acompanhaõ do prado a Divindade:
Já de mais perto a Jupiter admiraõ,
Que transferio dos Ceos a Mageſtade
Para illuſtrar do Elyſio no terreno
O Rio cryſtallino, o campo ameno.

XIX.

As Aguias Imperiaes o vóo abatem,
E o Mundo vio, que aos ares matizando
Seis volantes jardins quer ſe dilatem
Juno, que no ſeu carro vem voando:
Já com as flores os Pavoens combatem,
Naõ quando levemente as vaõ pizando,
Mas, quando o Sol nas matizadas cores
Vencidas reconhece as lindas flores.

XX.

XX.

Mas prodigio mayor, mayor myſterio,
Fia dos meus ſentidos o Deſtino!
Vejo voar hum carro no Hemisfério,
Mais brilhante, mais alto, e mais divino.
Se nos quatro Elementos tem o imperio
Hum Deos Gigante, ainda que menino,
Triunfando em Agua, e Terra moſtre logo,
Que opprime o Ar, e que domîna o Fogo.

XXI.

Naõ ſaõ Pyrôis, Flegon, Eóo, Etonte,
Os que conduzem o celeſte plauſtro,
Nem temendo as ruinas de Faetonte
Corre do Boreas a illuſtrar o Auſtro:
Cupido he quem o guia no Horizonte,
Que rompendo do Empyreo eterno clauſtro,
Deſcendo à terra placido, e propicio,
De Ulyſſéa arrebata Aonia, e Licio.

XXII.

Mas quem ſaõ os affectos, que conduzem
Neſte triunfante carro Amor, que os guia?
Quem ſaõ os que entre os Aſtros tanto luzem,
Que nem Fébo os compete, ou deſafia?
Quem ſaõ eſtes, que inflammaõ, e produzem
Nos coraçoens a amavel ſympathia?
Seis Genios ſaõ dos Córos ſuperiores,
E ſubditos do Amor eſtes Amores.

XXIII.

Eſſe, que traz por timbre huma firmeza,
He ſymbolo immortal do Amor conſtante:
Eſte, que traz as cores da fineza,
He o que apura mais hum peito amante.
Outro, que da côr verde ſó ſe preza,
Quer que ſe eſpere o bem, que eſtá diſtante:
Aquelle, que entre fogo luzir vejo,
Geroglyfico ardente hé do deſejo.

XXIV.

XXIV.

Os dous, que de Cupido eſtaõ mais perto,
Saõ o Amor puro, o Amor correſpondido:
Hum com a venda o roſto tem coberto;
Ao outro as ſettas de ouro deu Cupido.
Mas por guiar o carro com acerto,
Depois que entra no mar o Deos luzido,
Deſce Hymeneo deſta elevada rocha,
Illuminando aos Ceos a clara tocha.

XXV.

Sobre hum monte, que em alto paralello
A ſituaçaõ, e o nome a hum tempo toma
Do Aſiatico, e celebre Carmélo,
Que ſublimado ao Ceo a terra dóma,
Sendo hum dos ſete, que em igual modéllo
Fez elevada emulaçaõ de Roma
A Cidade feliz ſempre triunfante,
Auguſta fundaçaõ do Grego errante:

XXVI.

XXVI.

Hum Palacio ſe erige ſumptuoſo,
Magnifico, polido, excelſo, egregio,
Que dos Souſas no ſangue mais famoſo
Vê de mais perto outro eſplendor maisRegio.
Do Germanico Imperio generoſo
Lhe deu Belgia outro heroico privilegio,
Que a Aguia coroou com altas pennas
Nos Lignes, nos Nazâos, e nos Lorenas.

XXVII.

Miguel do Luſo Pedro filho digno
Já dominou eſte Palacio Auguſto,
Em quanto influxo perfido, e maligno,
Naõ fez, que o que era gloria, foſſe ſuſto.
Naõ intento cantar o caſo indigno,
Com que em triſte naufragio o Tejo injuſto
Deixou roubar ao invejoſo Eôlo
Eſta inveja de Adonis, e de Apollo.

XXVIII.

XXVIII.

Naõ temais vos refira eſte naufragio,
Renovando ſaudades infelices
No dia, em que hum benevolo preſagio
Se illuſtra com memorias taõ felices.
E por purificarſe do contagio,
Que a Cidade offendeo do aſtuto Ulyſſes,
Neptuno quer livrar neſte deſdouro
Da tragedia fatal o Tejo de ouro.

XXIX.

Seguio de perto ao inclyto Conſorte
Luiza, de Miguel eſpoſa amante;
Pouco tempo logrou a iniqua ſorte
Dividir eſte vinculo conſtante,
Ao Deſtino cruel, fatal, e forte
A virtude venceo ſempre triunfante:
Vivem na terra em bronzes, e alabaſtros,
E nos Ceos transformados em dous Aſtros.

XXX.

Duas vezes ſe vê reproduzido
Miguel na illuſtre próle, que o imita;
E unica Aonia he exemplar luzido
Da bella Mãy, que a imitaçaõ lhe incîta;
Aonia, de que o nome eſclarecido
Hum feliz anagrama depoſita
De ſer Aonia a Muſa ſoberana,
Que inclue o nome excelſo de JOANNA.

XXXI.

Deſce o Amor do carro, e tira a venda,
Seguemno os ſeis finiſſimos Amores,
Deſprezando de Venus a contenda,
Que da Ninfa compete os reſplandores:
O Imperio da belleza naõ pertenda,
Que alcança Aonia cultos ſuperiores;
E neſte Epithalamio ache a concordia
O pomo, que ao de Thetis foy diſcordia.

XXXII.

XXXII.

Vio o Amor, que hoje foy puro, e bem viſto,
Aquella nunca viſta fermoſura,
Que na idéa immortal tinha previſto
A rara perfeiçaõ, que mais ſe apura:
A ſetta de ouro o golpe fez bem quiſto,
Quando no ouro do pomo ſe aſſegura,
E ao coraçaõ de Licio eſte theſouro
Reſerva o Tejo entre as aréas de ouro.

XXXIII.

A porçaõ mais precioſa, nos cabellos
De Aonia quer roubar Zefyro amante;
Mas intenta cortallos, ou prendellos
Com ambiçaõ mais nobre Amor conſtante.
Receando cegar em dous Soes bellos,
E que o abraſe o ſeu ardor flammante,
Hum largo eſpaço corre, e naõ ſe atreve
A moderar o fogo em tanta neve.

XXXIV.

Corôa aos Soes, ſeu arco duplicando
Com dous Iris, que tem mayor belleza,
Naõ nas cores, que aos Ceos vaõ matizando,
Mas na cor, que he indicio da firmeza.
Chegou o Amor aos olhos, e voando
Quer que arda nos ſeus rayos a fineza;
Mas teme, que ſe abraſe o ſeu affecto,
Como do prado o matizado inſecto.

XXXV.

Perfil proporcionado dividindo
Os Soes para que as flores naõ opprima,
Os breves Hemisferios repartindo
Candido, moderado ſe ſublima.
As flores ao naſcer no roſto lindo
Da purpura, que Flóra mais eſtima,
Vencem, e unem nas cores mais fermoſas
Aſſucenas, jaſmins, cravos, e roſas.

XXXVI.

XXXVI.

Cuida Amor, que ignorante, ou atrevida
Do ſeu arco infiel voando inquieta,
Fizeſſe huma breviſſima ferida
No roſto de cryſtal aguda ſetta:
Porém rindo-ſe Aonia, vio partida
De dous rubís a nacaráda méta,
Que reſumia em breve eſpaço ardente
As pérolas mais finas do Oriente.

XXXVII.

Formou de duas ſettas hum compaço
O Amor, com que hum ovádo deſcrevendo,
Proporcionou do roſto o branco eſpaço,
Em que tantos aſſombros eſtá vendo:
Delicadeza, e ar, deſembaraço,
E garbo no ſeu talhe florecendo,
Prendem o Amor, e Aonia o naõ deſata;
Porém nas mãos lhe deu frechas de prata.

XXXVIII.

O ſilencio interrompe a voz ſonóra
Da bella, e diſcretiſſima Deidade,
Que de Diana o patrocinio implóra,
Quando teme de Amor cega crueldade.
Naõ neceſſita harmonica, e canóra
De uſar da artificioſa ſuavidade,
Porque a quem ſeus accentos fino attende
A deſcriçaõ, ſem muſica, ſuſpende.

XXXIX

Ati te invóco (diz) Deoſa triforme,
Que aos Ceos,boſques,e abyſmo predomínas;
Sempre aos teus ritos vivirey confórme,
Se me naõ negas protecçoens divinas.
Em flor, planta, ou Eſtrella me transforme
A virtude, que obſervas, e illuminas;
Vê, que de amores hum ouſado coro
Quer roubarme das aras do decóro.

XL.

Sempre deſte Palacio fiz o Templo,
Em que victimas puras te rendia,
Porque ſeguindo o teu divino exemplo,
Da mãy do Amor o culto aborrecia.
Profanádo hoje o vejo; e ſe contemplo
Só em ti, Cinthia, com razaõ confia
No teu poder, no teu favor Celeſte,
A Ninfa, a que o auxilio ſempre déſte.

XLI.

Naõ acharás (Cupido lhe reſponde)
O favor de Diana hoje propicio,
Porque ao ſeu Endymion já correſponde,
Sendo dos meus triunfos claro indicio.
Voarás no meu carro, indo até donde
Digno premio ſerás do amor de Licio.
Já de Hymeneo a tocha reſplandece,
E Licio entre os Amores apparece.

XLII.

XLII.

Aſſucenas já ſaõ as roſas bellas,
Com que o roſto de Aonia entre deſmayos
Faz, que à terra ſe abaixem as Eſtrellas,
De quem o meſmo Fébo inveja os rayos:
Mas a purpura tórna a guarnecellas,
E os olhos com os lucidos enſayos,
Sem reſiſtir decreto taõ divino,
Cédem às leys eternas do deſtino.

XLIII.

Licio, que a Aonia ſempre amante obſerva,
E nella admira attento, e opportuno
As mais altas ſciencias de Minerva,
As mais excelſas perfeiçoens de Juno:
Vendo, que o Ceo lhe dá quanto reſerva
Com dilaçaõ cruel, tempo importuno,
E que em gloria immortal feliz alcança
Que tenha termo hum dia huma eſperança:

XLIV.

XLIV.

Tímido, amante, attento, e reverente,
Deſatando do carro os ſeis affectos,
O Amor o anîma, e do ſeu peito ardente
Quer premiar os finiſſimos projectos.
Mas temendo, que os cegue a refulgente
Efficacia dos lucidos objectos,
Antes que examinallos Licio emprenda,
Lhe poem nos olhos a purpurea venda.

XLV.

Huma vez lynce, e duas vezes cego
Chega Licio a adorar tanta belleza,
E o que naõ foy da viſta ouſado emprego,
Se fez na fé objecto da fineza.
Se o coraçaõ ſentio deſaſſocego,
Se encobrio no ſemblante, e na eſtranheza,
Com que ſe alegra, ſente, ama, e ſuſpira,
Teme, e ſe alenta; vive, e naõ reſpira.

XLVI.

Mas de Amor, e Hymeneo o ardor brilhante
Tantos varios affectos purificaõ,
E com dourada ſetta fulminante
De Aonia ao peito o rayo communicaõ.
O carro preparando o Deos triunfante,
De Aonia, e Licio as glorias ſe publicaõ,
E vencidos pezares, e temores,
Roubaraõ aos Amantes os Amores.

XLVII.

Hum pouco deſcem do lugar ſublime,
E de Licio ao Palacio ſumptuoſo
Chegando o carro, o povo naõ reprime
O clamor, que occultava affecto ancioſo.
Naõ eloquente, mas ſyncéro, exprime
Quanto applaude eſte vinculo ditoſo,
Que o mayor Rey, que eſte myſterio acclara,
Por ſeu juſto decreto lhe declara.

XLVIII.

XLVIII.

Saõ quatro vezes dez os apoſentos,
Que ſe moſtraõ, entre outros infinitos,
Com adornos polidos, e opulentos,
Precioſos, ajuſtados, e exquiſitos.
Bellas Ninfas com vozes, e inſtrumentos
De Amor promulgaõ os ſuaves ritos;
Amor repete o ecco, Amor reſpondem
As Ninfas, que aos amantes correſpondem.

XLIX.

Unindo-ſe o bom goſto, e a abundancia,
Quanto reſerva o ar, e a agua encerra,
Sem ter nos elementos diſſonancia,
Sazona o fogo, e diſtribue a terra:
Eſpalhaõ Flora, e Zefyro a fragrancia
De Vertûno, e Pomôna, naõ ſe cerra
O theſouro, que em doces attributos
Reparte os raros, e os opímos frutos.

L.

No ouro, e no argento com boril polido,
E arte igualmente rica, e primoroſa
Epithalamios mil gravou Cupido,
Dos que canta a memoria mais famoſa.
A Juno excelſa Jupiter unido
Do Ceo celébra a esféra luminoſa;
De Thetis, e Peléo a uniaõ divina
Do mar applaude a esféra cryſtallina.

LI.

De Perſéo por Andromeda apparecem
As heroycas finezas bem premiadas;
E nem no abyſmo por occulto eſquecem
Ainda as que por Plutaõ foraõ roubadas.
Em Cupido, e em Siques bem parecem
Do meſmo Amor as forças dominadas;
Mas naõ retrata eſte debuxo amante
Com Ariadne a Theſéo, por inconſtante.

LII.

LII.

Em ſalvas de ouro, e copas cryſtallinas,
Dos Heroes, e dos Deoſes retrataraõ
As meſas myſterioſas, e divinas,
Que de Ambroſia, e de Nectar ſe animaraõ:
Derretidos rubíz, perolas finas
De Baccho no licor ſe liquidaraõ,
E tanta profuſaõ deſde hoje ſeja
Da Rainha do Egypto juſta inveja.

LIII.

Varoens preclaros, e Deidades bellas,
Com que ſe illuſtra a Luſitana Corte,
Aſtros brilhantes, lucidas Eſtrellas,
Superiores a Venus, e a Mavorte,
Eclipſando as nocturnas ſentinellas,
Ouro, e diamantes unem de tal ſorte,
Que na gala, e no adorno refulgente
Se eſgota o Ofir, e ſe empobrece o Oriente.

LIV.

De Juno, e Jove Eſtatuas admiraveis
Aos Deoſes inferiores preſidiaõ;
Naõ teve o bronze effeitos mais notaveis
Nos que Lyſippo, e Fidias dirigiaõ.
Raras em tudo, em tudo incomparaveis
Todos julgaraõ, que dos Ceos deſciaõ
Para explicar com vozes milagroſas
Do Epithalamio as glorias venturoſas.

LV.

Naõ haverá ſegredo myſterioſo
Que, ò Jupiter ſupremo, naõ revelles
Ao bronze, a quem já fez harmonioſo
O divino ſincel de Praxitéles.
Das pinturas o ornato prodigioſo
De Zeuxis, de Timantes, e de Apelles
Excedem o primor com tal deſtreza,
Que ſe queixa da arte a natureza.

LVI.

LVI.

No artificio de Pallas bem ſe imita
Matizada, e tecida a clara hiſtoria,
Que da illuſtre Zenobia depoſita
A mais heroica, e celebre memoria.
De que a vença Aureliano, naõ ſe irrîta,
Porque ſe infamou mais neſta vitoria,
Pois de hum Heroe a gloria ſó ſe apura,
Deixando-ſe vencer da fermoſura.

LVII.

Era impoſſivel verſe repetidos
Adornos, que naõ foraõ igualados,
Mas milagroſos os cryſtaes luzidos
Nos eſpelhos os moſtraõ duplicados:
De fina prata, ricos, e polidos
Ferozes brutos ſe achaõ imitados,
Dominando ſeus impetos groſſeiros
Do precioſo metal mil Cavalleiros.

LVIII.

LVIII.

Nunca ſe vio na purpura de Tiro
O Murice mais prodigo, que agora,
E de ouro, e prata no matiz admiro
Na noite as cores da fermoſa Aurora.
Ainda que corraõ com taõ largo gyro
Todo o Palacio, he muito o que ſe ignora,
Pois ſe a curioſidade ſe intereſſa,
Na admiraçaõ o aſſombro hoje tropeſſa.

LIX.

Mas portento mayor, mayor prodigio
A novas ſuſpenſoens eleva, e move;
Porque, ſem ſer por Magico preſtigio,
No bronze a voz ſe ouvio de Juno, e Jove:
Da idolatria váa naõ foy veſtigio,
Que por ſuperſticioſo ſe reprove:
Milagres ſaõ do Ceo, de que o concurſo
Naõ cabe dos humanos no diſcurſo.

LX.

LX.

Jupiter aſſim diſſe: Attende, ò Licio,
Por infallivel, e feliz preſagio,
A immortal protecçaõ, o eterno auſpicio,
Que te preſerva do mortal naufragio.
Como a virtude em ti triunfou do vicio,
Venceſte agora o tragico contagio,
E mereceſte ouvir a voz divina,
Que hum Oraculo certo vaticina.

LXI.

Quantos annos o Fado difficulta
A ſucceſſaõ, que no conſorcio illuſtre
De teu inclyto pay na idade adulta
Fez que o deſejo as eſperanças fruſtre?
Concede-a o Ceo, porém por cauſa occulta
Quer que a meſma eſperança ſe desluſtre,
Transformando em ſaudades as caricias,
Porque quiz para ſi eſtas primicias.

LXII.

LXII.

Mas o influxo benévolo, e Celeſte
Por premio da paciencia mais confórme
Fez, que quando aos ſeus votos renaceſte,
Todo o peſar em gloria ſe transforme.
Que bem deſempenhaſte, e mereceſte,
Que na excelſa familia ſe reforme
O damno, com que o tempo reduzia
Dez ſeculos ao termo de hum ſó dia!

LXIII.

Bem ſe logrou taõ alto deſempenho
Do favor ſingular da natureza,
Brilhando já na infancia o claro engenho,
E anticipada a amavel gentileza.
Mais, que da educaçaõ, o digno empenho
Na attençaõ, no cuidado, e na fineza,
Que o paternal affecto te dedica,
A virtude em ti ſó ſe multiplica.

LXIV.

LXIV.

O fábio idioma, que do antigo Lacio
Os ſeus primores vê quaſi perdidos
Em Cicero, Virgilio, Livio, Horacio,
Nos teus eſtudos ſe achaõ renaſcidos:
Copioſa Bibliotheca ao teu Palacio
Ennobrece os adornos mais luzidos,
Porque em tantos volumes ſempre colhas
Flores, e frutos de erudítas folhas.

LXV.

Tens da lingua Toſcana na abundancia
A poetica, e clara intelligencia;
E da Heſpanhola achaſte na elegancia
Dos numeros a harmonica cadencia.
Da Franceza o primor, e a conſonancia,
Que faz clara, e methodica a ſciencia,
Poſſúes, ſem que alguma ſeja impropria,
Pois a naturalizas como propria.

LXVI.

Com pouca corrupçaõ d'antiga Roma
Conſervando a ſublime mageſtade,
A lingua Portugueza apura, e toma
Da Latina a eloquente propriedade.
Que bem, que cultivando o patrio idióma,
Obſervas a elegancia, e claridade,
E com polido ornato, e fraſes puras
Anîmas da Rhetorica as figuras!

LXVII.

Naõ ſó do eſtudo os exercicios juſtos,
Que aos ignorantes ſaõ incomprehenſiveis,
Apuras, deſpreſando ocios injuſtos,
Sempre culpaveis, ſempre aborreciveis;
Porém os varonîs dotes robuſtos,
Que aos do engenho naõ ſaõ incompativeis,
Lhe uniſte, exercitando a força déſtra
Nos cavallos, na caça, e na paleſtra.

LXVIII.

LXVIII.

Duas vezes domínas do Pegáſo
Poetico furor, e furia equeſtre,
E naõ ignoras da arte do Parnaſo
As liçoens, de que Apollo he claro Meſtre:
Por genio, e arte, e naõ por cego acaſo,
Conſegue o Deos, que a Muſica te adéſtre,
E em vozes, e inſtrumentos, naõ confuſas
Te inſpiraõ ſacro ardor as claras Muſas.

LXIX.

Porém como a virtude excede a arte,
E o immortal ao fragil privilegio,
O Ceo com Licio liberal reparte
Os dotes, que admiraes no animo egregio.
Se hoje Apollo, algum dia ſerá Marte,
Que no exercicio bellicoſo, e regio
Com gloria, aos aſcendentes naõ eſtranha,
Os verdes louros cinja na campanha.

LXX.

O dócil entre o grave naõ violento,
Sem vil adulaçaõ o nobre agrado,
A cortezia ſem o abatimento,
E ſem affectaçaõ, o que he cuidado:
Luzir, ſem oſtentar o luzimento,
Ser ſublime, ſem culpas de elevado,
Pio na Religiaõ, firme, e zeloſo,
Compaſſivo, fiel, e generoſo:

LXXI.

Conſeguiraõ, que Licio mereceſſe
Por premio das virtudes ſingulares,
Que à bella Aonia o culto hoje rendeſſe
Em victima decente aos ſeus altares.
Mas quiz Juno, que aqui ſe interrompeſſe
O que Jove explicava aos Patrios Lares,
Louvar o Deos a Licio era opportuno,
Que Aonia emprego digno he ſó de Juno.

LXXII.

LXXII.

Vinde (diz de Saturno a excelſa filha)
Vinde, vinde, ò belliſſima Deidade,
A ſer deſte Palacio a maravilha,
E de Licio immortal felicidade.
A belleza, que em vós ſe apura, e brilha,
Pintou o Amor; e foy temeridade
O fazer de ſeus olhos claro emprego
Quem no exceſſo da luz o fez mais cégo.

LXXIII.

Emendou a ouſadia: e antevendo,
Que até do Deos do Amor eraõ profanos
Os accentos, que foſſem deſcrevendo
De Aonia os raros dotes ſoberanos;
Naõ fiou quanto eſtava conhecendo,
Dos ouvidos indignos dos humanos:
E dando à fermoſura a digna palma,
Pinta a belleza, mas naõ pinta a alma.

LXXIV.

LXXIV.

Que eu admiraſſe nella era preciſo
O entendimento agudo, e mais ſublime,
Que apurando o diſcurſo no juizo,
Com alta diſcriçaõ claro ſe exprime.
Naõ tem na affectaçaõ o prejuizo,
Que quanto adorna, com o eſtudo opprime
A attençaõ na vaidade desluzida,
Que faz a erudiçaõ aborrecida.

LXXV.

As letras mais polidas, mais amenas,
Na applicaçaõ feliz tanto ſe uniraõ,
Que quanto lhe inſpiraraõ as Camenas,
Por ſeu influxo as Graças exprimiraõ.
Divinos vóos de elevadas pennas
Pela ſua eleiçaõ ſe dirigiraõ;
De quatro linguas ſabe os termos cultos,
E declara os enigmas mais occultos.

LXXVI.

LXXVI.

Os ſuaves ſegredos da harmonía
Taõ déſtra acclara, e taõ ſonóra apura,
Que nos ouvidos pinta a melodîa
Os primores da ſua fermoſura.
Quando na dança a Flóra deſafia,
Zefyro foge, pois com nobre uſura
De tanto garbo o ar por ambicioſo
He Ceo aério ao movimento ayroſo.

LXXVII.

Dócil, attenta, amavel, compaſſiva,
Grave, agradavel, fina, e generoſa,
Moderada, ſublime, igual, e activa,
Até lhe ſobejara o ſer fermoſa.
Mas por mais que eloquente, e expreſſiva
Deſcrever queira a Aonia, cuidadoſa,
Obedecendo a ſuperior preceito
Prenderey no ſilencio o meu reſpeito.

LXXVIII.

LXXVIII.

Calou-ſe a Deoſa, e com brilhantes cores
Para o bayle, a que guia Aonia, e Licio,
Concorrem disfarçados os Amores,
A que Cupido amante eſtá propicio.
Da tea de Hymeneo claros ardores
Ao thalamo os conduzem com o auſpicio,
Que com vozes, e canticos ſuaves
Nos Ceos eſpalhaõ amoroſas aves.

LXXIX.

Venus bordou do leito nas cortinas
Com rubíz, eſmeraldas, e diamantes,
As acçoens, que por celébres, e finas
Coroaraõ de glorias os amantes.
Oh quantas entre os Aſtros por divinas
Ao Mundo influém dignas, e triunfantes!
Nunca invejoſas da iſençaõ de Aſtréa,
Andromeda, Calliſto, e Caſſiopéa.

LXXX.

LXXX.

De Sabéa, de Arabia, e de Pancaya
O Amor tantos aromas participa,
Que, ſe em tantas fragrancias naõ deſmaya,
He porque a outras delicias ſe anticipa.
Bate as azas Cupido, e já ſe enſaya
A ſer Fenix do ardor, que naõ decipa;
E renaſcer da chamma ſó pretende,
Que amante inflamma, que ſuave accende.

LXXXI.

Aonia (Licio diz) ſe huma eſperança
Póde purificarſe no tormento,
Com que venceo dos annos a mudança,
E apurou na conſtancia o ſofrimento:
Agora o premio mais ſupremo alcança,
E nunca hum ſuperior merecimento
A taõ rara fortuna pertendera,
Se o deſtino eſta gloria lhe naõ dera.

LXXXII.

Naõ caſtigues, belliſſima Deidade,
De meus ardentes votos a fineza,
Para que alguma vez ſeja a piedade
Singular attributo da belleza.
Suſpende hum pouco os rayos da crueldade,
E conſiga iſençaõ minha firmeza,
Pois quem foy taõ conſtante, reſiſtindo,
Nunca ſerá groſſeiro, poſſuindo.

LXXXIII.

Rendido apuro quanto ouſado aſpiro,
E em ſacrificio attento ardor ſyncéro
Sey naõ offendo as perfeiçoens, que admiro,
Pois quanto mais adoro, mais venéro.
Do tempo ingrato o rigoroſo gyro
Naõ tem no Amor o ſeu dominio féro,
Quando huma fermoſura o diviniza
Na alma immortal, que fino o eterniza.

LXXXIV.

LXXXIV.

Naõ ſey ſe vejo, que eſſa frecha activa,
Que antes o meu tormento ameaçava,
Vay afroxando o impulſo, e compaſſiva
Já ſe fez de ouro na amoroſa aljava!
Naõ ſey ſe te ferio: mas attractiva
Eſſa belleza, que cruel eſtava,
O tyrannico imperio dos rigores,
Cede ao doce dominio dos favores.

LXXXV.

Seja, ò Licio, eleiçaõ o que he deſtino
(Aonia diz, rompendo felizmente
A priſaõ breve do rubí mais fino
Em que o aljofar reſervou o Oriente.)
Triunfe agora o cego Deos menino,
E a minha liberdade naõ ſe iſente
De huma força, que activa, e ſoberana,
Até rendeo a Juno, e a Diana.

LXXXVI.

Em Marcia tua irmãa vejo hum exemplo;
Mas naõ ſey ſe a Fileno correſponde,
Porque ainda Hymeneo de Amor no Templo
Por algum tempo eſte ſegredo eſconde.
Nos ſeus olhos he certo, que contemplo,
Por mais que o ſeu ſilencio naõ reſponde,
Que neſtas meſmas aras vê Cupido
Mais de hum troféo do Amor correſpondido.

LXXXVII.

E ſe quer a razaõ, que eu reconheça,
Que a fineza, que attenta, e decoróſa
Até vencer huma iſençaõ mereça
De quem ſeguia a Cinthia rigoroſa;
Aos decretos de Juno hoje obedeça,
E a Diana cruel Venus fermoſa
Domîne, pois as Deoſas do Hemisferio
Naõ reſiſtem do Amor ao forte imperio.

LXXXVIII.

LXXXVIII.

Com o rapido vóo dos Amores
Tanto o ar com as azas ſe movia,
Que a luz dos refulgentes reſplandores
Toda no meſmo inſtante ſe extinguîa.
O Amor, por quem ſe inflammaõ os ardores,
Agora os apagava; mas queria
Unido produzir mayor effeito,
Inflammando de Licio o fino peito.

LXXXIX.

Palemon até aqui refere o caſo
Do Epithalamio, em que o feliz progreſſo
Nas ſombras do decóro tem o occaſo,
E no Amor mais decente vê o exceſſo.
Mas porque ſe naõ julgue ſer acaſo
O naõ deixar tanto ſegredo expreſſo,
O ſábio Sacerdote naõ reſerva
Quanto no Templo de Neptuno obſerva.

XC.

Em quanto (diz) goſavaõ os amantes
Reciproca fineza em fino laço,
Juno, e Jove dos bronzes reſonantes
Deixaõ o digno, mas eſtreito eſpaço.
Das Aguias, e Pavoens carros volantes
Saõ mais dos Ceos adorno, que embaraço,
E com as luzes da primeira Aurora
Vem donde os eſperava a bella Flóra.

XCI.

Do mar ao meſmo tempo a comitiva
Com Venus, Thetis, Doris, Galatéa
Seguem Neptuno, e da torrente altiva
Deixaõ as ondas pela branda aréa.
No buſio retorcido a voz activa
Tritaõ anîma, e o ecco liſongéa,
Publicando, que Jupiter, e Juno
Vem illuſtrar o Templo de Neptuno.

XCII.

XCII.

Da praya ſe apartava no refluxo
De liquido cryſtal clara corrente,
E apparece o magnifico debuxo
Do Templo ſobre as aguas eminente.
Do Ceo goſando o mais benigno influxo,
O Deos o eſcolhe por lugar decente,
Em que cantem por alto privilegio
De Aonia, e Licio o Epithalamio egregio.

XCIII.

Elevado a ſer emulo dos Aſtros
Se erige o Templo com divino auſpicio,
E unidos os cryſtaes, e os alabaſtros,
Enriquecem o celebre edificio.
Heroes inſignes dos auguſtos Caſtros,
E de aſcendentes immortaes de Licio
Moſtraõ a effigie, que em eſtatuas cento
Eternizaõ o claro luzimento.

XCIV.

XCIV.

Monarchas Luſitanos, e Leonezes
Corôaõ a magnanima aſcendencia;
De mais perto ſe vem os Portuguezes
Augmentar no eſplendor tanta excellencia.
Noronhas, Ataídes, e Menezes
Daõ novo luſtre à antiga deſcendencia;
E as virtudes de todos renaſcidas,
Em Licio já ſe vem reproduzidas.

XCV.

Vede o ſegundo Henrique, que em Heſpanha
Aſſombro foy dos feros Mahometanos
Que com ſeu filho Affonſo na campanha
Cingio de Dafne os ramos ſoberanos.
Premiando em Portugal tanta façanha,
O Monarcha gentil dos Luſitanos
Remunéra o valor, que nelle brilha,
Com Iſabel ſua adorada filha.

XCVI.

XCVI.

Vede a Eſtatua de Pedro Rey primeiro;
Reſpirando a grandeza, e a juſtiça
Caſtigou fino Amor o odio groſſeiro
Da bella Ignez de Caſtro na injuſtiça.
Ainda no jaſpe permanece inteiro
O coraçaõ, que em chamma naõ remiſſa
Ardeo, e com incendio nunca exhauſto
Cem mil vezes inflamma outro holocauſto.

XCVII.

Da coroada Eſpoſa amado fruto
Naſceo Joaõ, de Affonſo excelſa origem
E de Caſcaes os póvos por tributo
Fieis, os ricos feudos lhe dirigem.
De Caſtro herdando o inclyto attributo
De Caſtella outras glorias ſe colligem
Antes de haver Monarchas Caſtelhanos,
Nos valeroſos Condes Soberanos.

XCVIII.

Naõ conheceis eſte Varaõ notavel?
Pois de Arrayolos he o excelſo Conde,
De Portugal primeiro Condeſtavel,
A quem eterna fama correſponde.
O meſmo nome de Alvaro, admiravel
Outro repete, e nunca o tempo eſconde
Huma Embaixada, com que França acclama
De pródigas acçoens a illuſtre fama.

XCIX.

Luiz de perto o ſegue, e reſplandece
Até na Corte de Luiz Auguſto,
A que o Mundo ainda agora reconhece
De França gloria, mas de Europa ſuſto.
Outra Eſtatua de longe me apparece
De outro Luiz, que por prudente, e juſto,
Deixou em Portugal ſeu nome eterno,
Tendo da Patria o ſuperior governo.

C.

Vede o primeiro Joaõ, vede Duarte,
Que outra linha Real reproduzindo,
Segunda vez o ſangue lhe reparte,
Que por Villa-Real vay repetindo.
Vede outro Pedro, a quem o fero Marte
Teme cruel, e o throno repartindo
Deu Rainha a Caſtella, ſoberana,
E aos Caſtros illuſtrou outra Joanna.

CI.

Terror, e aſſombro foy do Reyno Heſperio
O grande Pedro, a que deu nome a guerra,
E em duas filhas dividio o Imperio
Da Caſtelhana, e Portugueza terra.
Mas a gloria mayor deſte Hemisferio
Em hum Menezes hum Antonio encerra:
Contém do ſeu valor prodigios raros
Evora, Elvas, Valença, e Montes-Claros.

CII.

De Europa, e Aſia America invejoſa
Levantou a outro Pedro Eſtatua de ouro,
De Noronha outra eſtirpe valeroſa
Reproduzio felice eſte theſouro.
Nelle ſe vio brilhar taõ generoſa,
Sem ter dos vicios o infeliz deſdouro
A virtude, que unio egregiamente
O dócil, o magnanimo, o prudente.

CIII.

Dous Souſas de hum ſó tronco derivados
Saõ do Terceiro Affonſo eſtirpe clara,
Ambos foraõ na guerra coroados,
Moſtrando ambos na paz prudencia rara:
Em Henrique, e Martinho duplicados
Os dotes da virtude mais preclara,
Hum rouba a Marte a eſpada, que fulmîna;
Outro a Mercurio o Caducéo domîna.

CIV.

CIV.

A gloria em dous Menezes ſe duplique,
Que em Africa, e em Aſia ſe reparte,
Neſta triunfante ſempre o forte Henrique,
Naquella vencedor o graõ Duarte.
O politico acerto ſe publique
De Ataíde, a quem fia a melhor parte
Da direcçaõ do Reyno mais famoſo
O Monarcha mais ſábio, e Religioſo.

CV.

A todas as Eſtatuas alma déſte
Segundo Prometéo, que em fogo activo
Naõ queres uſurpar o ardor Celéſte,
Pois tens em ti eſpirito mais vivo.
Eſte (ò Licio) he Manoel, a quem deveſte
O ſer, e a educaçaõ, ſendo incentivo
Das altas perfeiçoens, que em ti contemplo,
E em que te ſerve de exemplar, e exemplo.

CVI.

Naſceo quando do Mundo a luz naſcia,
E a do Sol no Nadir lhe eſtava oppoſta,
Com que a hora melhor do melhor dia
A figura feliz moſtrava expoſta.
O' quanto Aſtro benevolo luzia
Na configuraçaõ, que era compoſta
De taõ claras, e lucidas Eſtrellas,
Que Jove as eſcolheo entre as mais bellas!

CVII.

Porque no mar, porque na terra vença,
Por ambos ſua fama ſe dilata,
Expugnando a Albuquerque, e a Valença,
Exterminando o barbaro pirata.
A gloria lhe deveo com a defenſa
O Algarve, e dos contrarios desbarata
Ou com aſtucia os perfidos intentos,
Ou com valor os impetos violentos.

CVIII.

CVIII.

No illuſtre, e mais domeſtico exercicio,
Do Sábio Rey merece o Regio agrado,
E ſempre na grandeza achou propicio
O premio digno do fiel cuidado.
Tambem lhe deve a guerra o beneficio,
Com que a dirige attento, e applicado;
E na eſpada, e na penna as leys obſerva,
Antes de Pallas, hoje de Minerva.

CIX.

Ambas unidas vê na amada Eſpoſa,
Naõ ſendo incompativeis em Luiza
Ser ſábia, ſer diſcreta, e ſer fermoſa,
Com que a felicidade immortaliza.
A bella Aonia eſtima affectuoſa,
Em que a ſorte de Licio ſe eterniza;
Mas já os Deoſes chegaõ, e já os vejo
Huns ſahir de Ulyſſéa, outros do Téjo.

CX.

CX.

O carro de Cupido, que voava,
Conduz os dous finiſſimos amantes:
Palemon com reſpeito ſe calava
Interrompendo as vozes elegantes.
Ao Templo de Neptuno já chegava
O Coro das Deidades mais brilhantes;
Cantaõ o Epithalamio com ſonóros
Accentos, dignos dos divinos Córos.

CXI.

Vivey, vivey, e com eternos laços
Goſay na doce uniaõ o amor mais puro,
E apertando a cadéa amantes braços,
Naõ a rompa attrevido o tempo eſcuro.
Contra as oppoſiçoens, e os embaraços
Da ſacrilega inveja, do odio duro,
Com o merecimento a ſorte ſe una,
Seja huma vez duravel a Fortuna.

CXII.

Mais ſe avive o Amor, quando parece
Do diſcurſo vulgar na groſſeria,
Que na poſſe a fineza deſmerece
O premio, que a eſperança promettia.
Licio, que a Aonia os votos offerece,
A que ella já igual correſpondia,
Vejaõ de taõ excelſos attributos
Naſcer as flores, produzir os frutos.

CXIII.

Os póvos do maritimo dominio
Do Epithalamio os hymnos recitando,
Dos Deoſes tem por certo o vaticinio,
Que no Ceo, mar, e terra vaõ entrando.
Palemon lhe aſſegura o patrocinio,
Que Aonia, e Licio iráõ perpetuando,
E ſeja, eternizando tanta gloria,
O Templo de Neptuno o da Memoria.